

Primeiras representações

«O RENDER DOS HERÓIS», no IMPÉRIO

No palco do Império deu-se um acontecimento teatral desses que são verdadeiros marcos. Refiro-me à esplendorosa estreia da arrojada peça de José Cardoso Pires «O Render dos Heróis», que, sendo obra de virtualidades excepcionais, punha à encenação problemas extremamente delicados e complexos, dos quais Fernando Gusmão triunfou em toda a linha, conquistando assim, de chofre, um inesperado lugar cimeiro nesse domínio apaixonante que é a corporização de um texto em linguagem dramática — palavra, plástica, som, emoção...

Tempos atrás, aquando da publicação de «O Render dos Heróis», escrevi que esta peça se media em potencialidades riquíssimas com as melhores do ano (de Santareno e de Sttau Monteiro), metendo por caminhos novos, que exigiriam de um hipotético encenador muito de amor e de talento para uma tentadora tradução cénica. O milagre operou-se.

E como sempre sucede que o teatro a o consumir-se no palco, dá força àquilo que no papel é ainda para muitos enigmático ou turvo, eis que «O Render dos Heróis» nos surgiu na sua absoluta e extrema limpeza estética e moral: corrosiva sátira à sociedade burguesa da era pré-industrial, que não poupa os liberais acomodados, livres pensadores flutuantes, atentos à barca do poder, como o desembargador Silveira, ou os idealistas cuja energia generosa, sem fundas exigências de classe, cedo se esgota, tal a de Maria Ricarda.

Fernando Gusmão, como o próprio Cardoso Pires disse já numa entrevista, enriqueceu inteligentemente o texto: não hesitou em recorrer à pantomima e ao bailado, sublinhou primorosamente os desmandos da fraseologia demagógica, tirou excelente partido das indicações de máscaras, das canções da época que o autor tivera o cuidado de ressuscitar. Fez da espinhosa apoteose grotesca um espantoso momento caricatural, estuante de vida e comicidade amarga. Soube aproveitar a seca violência de certos passos. Foi, de facto, o encenador cerebral e ao mesmo tempo sensível, artista controlado, que se impunha para levar a bom termo esta empresa formidável. Nada deixou ao acaso. Os apontamentos musicais de Carlos Paredes são de um bom gosto e de um poder evocativo fora de série. A dificuldade da mutação de cenários foi resolvida com economia de tempo e de esforços por Octávio Clérigo, felicíssimo também nos figurinos, segundo os «monstros» postos em circulação no fogaracho da Maria da Fonte.

Aproximando-se da montagem das revistas, Fernando Gusmão logrou efeitos estupendos: um espectáculo que nos honraria em Paris, em Londres ou em Nova York, em qualquer grande meio teatral exigente e cónscio dos valores actuais.

É claro que isto não seria possível sem o concurso devotado de uma equipa coesa e sem talentos tão exuberantes ou não dominados como, por exemplo, os de Rui de Carvalho, Carmen Dolores e Rogério Paulo.

Contrariando porventura o seu temperamento mais propenso aos grandes rasgos, Rogério amoldou-se à psicologia do torpe, mas envernizado, dr. Silveira, do qual conseguiu sacar os mais subtis impulsos e retracções, a mescla autêntica de ironia e complacência, de desvergonha e afecto paternal e de conhecimento do mundo. O público sentiu esta vitória de Rogério Paulo sobre si próprio, interrompendo a representação com vibrantes aplausos.

Carmen Dolores, admiravelmente certa no papel de Maria Ricarda, insufficiente impressionante vigor ao reconhecer a mácula da sua abdicação perante a morte—e perante a vida. Nas outras duas hipóteses da Maria da Fonte, ouvimos a voz de Constança Navarro e vemos despontar a vocação dramática de Angeia Ribeiro, a quem falta apenas estatura para ser plenamente convincente.

Rui de Carvalho excede-se na composição da portentosa figura do cego: aparece-nos verdadeiramente inspirado, incomparável, com uma marcação chela de fantasia e de ímpeto, em ritmo balético, cantando, multiplicando-se, tirando tudo de um tique facial, da entonação de uma estrofe, de uma pirueta ou de uma queda.

Revelação que merece todo o nosso louvor é a de José Amaro como grande actor na sua criação do facundo coronel Matamundos, quase sempre acompanhado pelo velho e boçal sargento Sargentanas, a que Tomás de Macedo dá relevo assás expressivo.

Muito longa seria a relação de todos os actores e figurantes, pois a peça movimentada grupos inteiros de camponeses e de soldados. Não podemos

deixar de mencionar o trabalho magnífico de Maria Cristina, que enche o palco, o desenho muito justo de uma comadre por Fernanda Alves, de gesto largo e plebeísmo perfeitamente conseguido; a inesquecível água forte do padre-soldado, caceteiro e esfolado-heres, que ficamos devendo a Jalme Santos; a preciosa caricatura de Macdonell «papa-cabritos» esboçada por Arnando Caldas; a figurinha saltitante do fiscal de impostos erguida por Carlos Cabral; a natural e linda camponesa que foi Clara Joana; as estilizações de Maria Schulze e Luis Cerqueira num casal nobre de pacotilha. Rui Mendes abaixo de si próprio no papel, de facto mais pobre, do fidalgo Alexandre.

A Fundação Gulbenkian está de parabéns por ter em boa hora contribuído para esta reparação do Teatro Moderno de Lisboa, tão ousada, tão moderna, tão bela e tão significativa.

Urbano Tavares Rodrigues